
INTEGRAÇÃO SOCIAL E SUAS BARREIRAS:

Representações Culturais do Corpo Mutilado.

Lígia Assumpção Amaral *

AMARAL, L.A., Integração social e suas barreiras: representações culturais do corpo mutilado. *Rev. Ter. Ocup. USP*, 2 (4):188-95, 1991.

RESUMO

Partindo de uma discussão sobre as barreiras psicossociais que intermpõem-se entre a pessoa portadora de deficiência e o mundo (atitudes, preconceitos, estereótipos e estigma) o artigo propõe-se a pensá-las e sistematizá-las enquanto fenômenos de ordem psicológica e cultural: psicológica na medida em que o desencadeante do processo é de cunho emocional: cultural na medida em que as produções da Cultura tendem a perpetuá-los pelas Representações cristalizadas inscritas no imaginário coletivo. Ilustra-se o encaminhamento proposto através da exploração de determinados aspectos do mito de Hefestos, um deus coxo da mitologia grega.

DESCRITORES

Deficientes, psicologia. Reabilitação. Preconceito. Mitologia. Socialização.

Desde algum tempo tenho me debruçado sobre a questão da integração social da pessoa portadora de deficiência. Uma das construções que muito tem me ajudado a sistematizar algumas das reflexões advindas desse interesse é a chamada "acessibilidade". Ou, dito de outro modo, a integração social da pessoa portadora de deficiência pode ser entendida como a possibilidade de acesso dessa pessoa ao mundo físico que a rodeia, à vida escolar, à vida de trabalho, ao lazer... Amaral²

Ora bem, quando se fala em acessibilidade fala-se em "caminho livre". Mas essa não é, muitas vezes, a realidade. Por que não? Porque é usual a existência de obstáculos interpondo-se entre a pessoa e o mundo - seja ele físico, seja instrumental, seja relacional... são as chamadas barreiras: físicas e psicossociais.

Barreiras físicas são aquelas que se interpõem sobre o indivíduo e o mundo físico: ruas, edifícios, meios de transporte... impe-

* Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

dindo-o de transitar livremente, de estudar, de trabalhar, de divertir-se... Com uma política adequada e relativamente pequeno investimento de recursos econômicos, essas barreiras podem - e têm sido - eliminadas ou, pelo menos, minimizadas.

Isso é verdade, guardadas as devidas proporções, de países de Primeiro ao Terceiro Mundo, de metrópoles a pequenas cidades interioranas: guias rebaixadas, rampas, elevadores, transportes adaptados...

Bem mais complexas são as barreiras psicossociais, pois tenho dito, e aqui repito, que decretos, leis e regulamentações são meios importantes e necessários, mas insuficientes para derrubá-las. Insuficientes porque estamos tratando de fenômenos de alta complexidade, como preconceitos, estereótipos e estigma, que por algumas razões (até possíveis de serem chamadas de "perversas") escapam à abrangência da legislação e até, ousado dizer, da ideologia, enquistando-se talvez nos núcleos psicológicos mais profundos de cada ser humano, com reflexos em seu estar-no-mundo, com reflexos portanto nas relações interpessoais.

Ou como diz Áries⁴. A ideologia olha pelos deficientes, o comportamento espontâneo os rejeita.

Para tentar compreender melhor como se passa isso tudo, tenho lançado mão, algumas vezes, de um raciocínio esquemático - lastimavelmente simplificador como todos os esquemas, mas que desejo, assim mesmo, aqui compartilhar: (*vide Figura 1*)

Qual tecido de sofisticada trama, os fenômenos psicossociais apresentam-se entrelaçados, superpostos, emaranhados: atitudes, preconceitos, estereótipos, estigma. O que caracteriza cada um dos elementos? Que relações existem entre eles? Essas relações existem?

Tenho recorrido à revisão sobre estereótipos feita por Dorai⁵ para tentar equacionar o processo em pauta. Serão portanto suas as colocações que servirão de base para o raciocínio a desenvolver.

Tudo se inicia com as emoções e, embora pretenda aprofundar esse aspecto mais adiante, por ora é preciso salientar que a deficiência jamais passa em "brancas nu-

ATITUDES, PRECONCEITO, ESTEREÓTIPOS E ESTIGMA

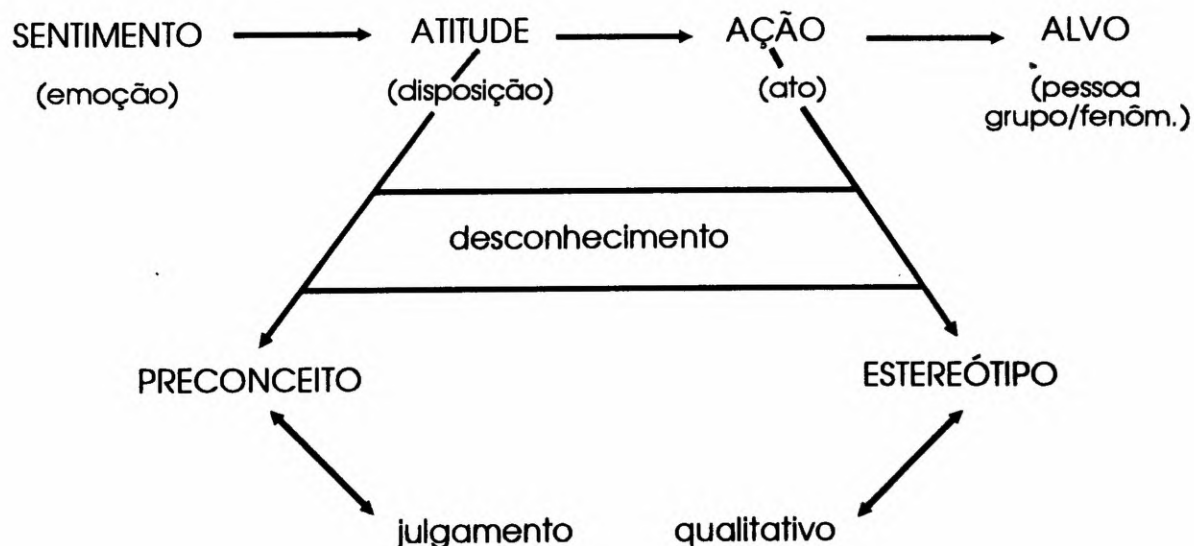


Figura 1

Esquema da dinâmica entre atitudes, preconceitos e estereótipos

vens”, sendo usual o desencadeamento de uma dinâmica psicológica fortemente matizada pelos sentimentos e emoções, caracterizando o que tenho chamado de “hegemonia” do emocional sobre o racional.

Mas, voltando ao esquema proposto. O que se entende por atitudes? Qual seu papel? Dorai⁵ diz que as atitudes nada mais são que uma posição (um posicionamento quase corporal) frente a dado fenômeno. Expressam um sentimento e preparam, em princípio, uma ação. Atitudes referem-se, portanto, a uma disposição psíquica ou afetiva em relação a determinado alvo: pessoa, grupo ou fenômeno. Por ser anterior ao comportamento propriamente dito ela é apenas inferível, pelos atos e pelas crenças manifestados.

Pode-se então dizer que as atitudes estão para os comportamentos assim como os preconceitos estão para os estereótipos. Senão vejamos: o que é o preconceito senão uma atitude favorável ou desfavorável, positiva ou negativa, anterior a qualquer conhecimento? O que é o estereótipo senão a concretização de um julgamento qualitativo, baseado no preconceito e, portanto, anterior a uma experiência pessoal?

Exemplificando a propósito da deficiência: o preconceito pode ser a aversão ao diferente, ao mutilado, ao deficiente. Os estereótipos, em consequência, serão: o deficiente é mau, é vilão, é asqueroso, é revoltado ...

Ou, de outro(?) lado, o preconceito pode ser baseado em atitude comiserativa. Os estereótipos seriam: o deficiente é vítima, é sofredor, é prisioneiro...

Mas frizemos o fundamental: o desconhecimento pode ser entendido como a matéria-prima para a perpetuação das atitudes preconceituosas e das leituras estereotipadas da deficiência.

Possíveis frutos desse desconhecimento algumas cristalizações se fazem presentes: ambiguidade; culpabilização; correlação linear entre deficiência e traços de caráter; compensação desmesurada, expressa pela idéia de super-competência; “santificação”; isolamento; meta da cura, de tornar igual...

Tenho constatado que o diferente/deficiente, muitas e muitas vezes, equilibra-se no que chamo de “gangorra do bem e do mal”.

Para pensar nessa “gangorra” talvez seja necessário retomar um dos fios iniciais da intrincada teia mencionada: as emoções, especialmente as emoções frente a ameaças reais ou virtuais. Para isso, lançarei mão de parte de um texto que escrevi há alguns anos Amaral¹ num momento de reflexão sobre a questão da deficiência - especialmente pensando na deficiência física, mas não exclusivamente nela:

“Já fazem parte inquestionável do patrimônio do Conhecimento, especialmente da Psicologia, algumas proposições a respeito das situações de ameaça. Existem, pelo menos, duas grandes categorias de fenômenos atuantes quando uma pessoa se depara com uma situação de ameaça, de perigo: medo e necessidade de defesa.

Desde tempos inmemoriais - e para essa afirmação chamo o testemunho da Mitologia, da Filosofia, das Artes - a simetria, seja estática ou dinâmica, representa de alguma forma a ordem do mundo.

Ora bem o deficiente é a própria encarnação da assimetria, do desequilíbrio, das des-funções. Assim, sua desfiguração, sua mutilação, ameaça intrinsecamente as bases de existência do outro... O outro, o diferente, o deficiente, representa muitas e muitas coisas. Representa a própria imperfeição daquele que vê, espelha suas limitações, suas castrações. Representa também o sobrevivente, aquele que passou pela catástro-

SOBRE A DEFICIÊNCIA NO UNIVERSO DA ARTE

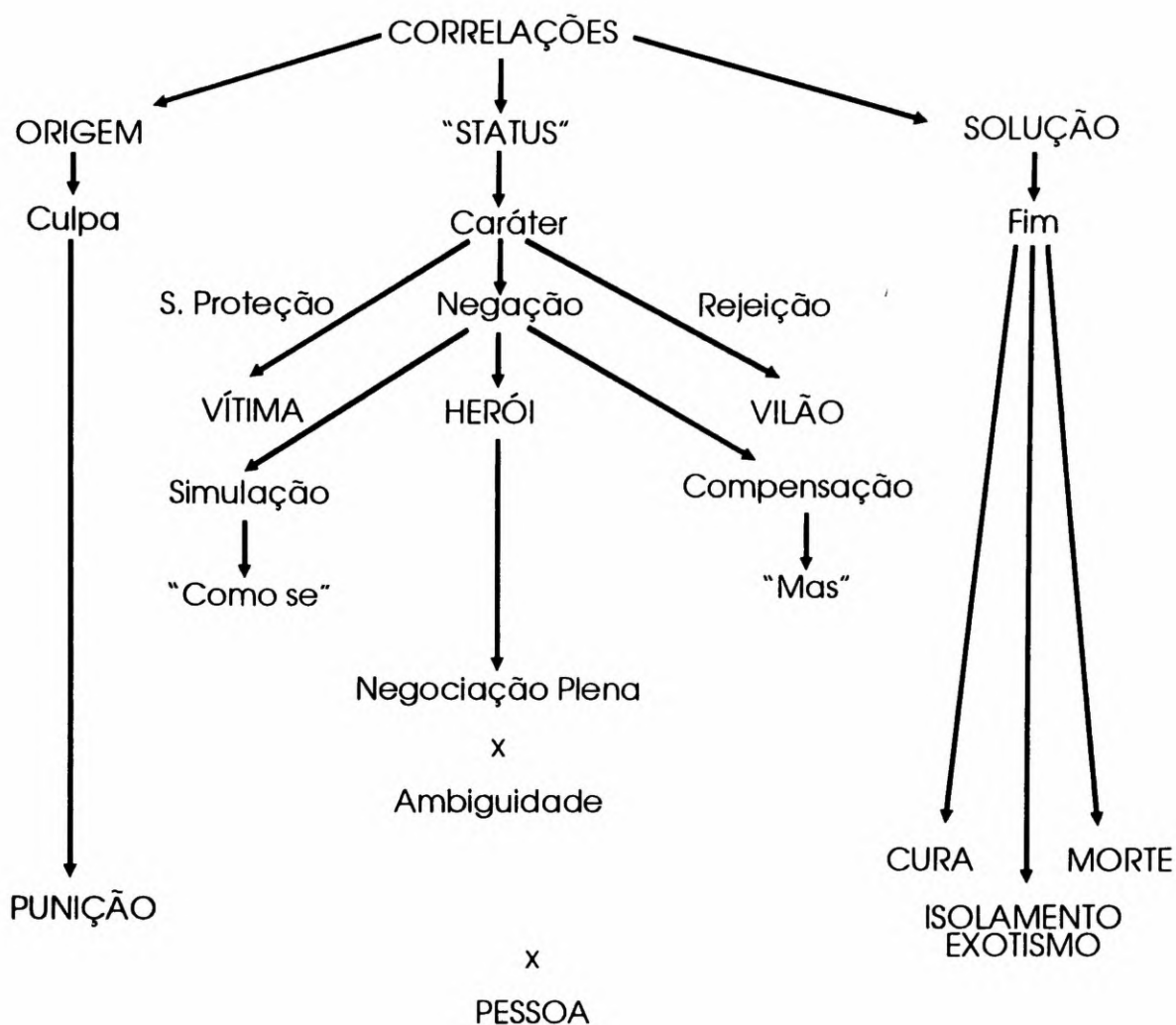


Figura 2

A deficiência no universo da arte.

fe e a ela sobreviveu - com isso acenando com a catástrofe em potencial, virtualmente suspensa sobre a vida do outro. Representa também uma ferida narcísica em cada profissional, em cada comunidade. Representa um conflito não camuflável, não escamoteável, explícito - em cada dinâmica de inter-relações.

De qualquer lado que se olhe, representa uma chaga em pele idealizadamente de alabastro. Representa ameaça, perigo... Frente à ameaça, postulam-se dois tipos básicos, ou dois grandes conjuntos, de atitudes. O primeiro é representado pelo ataque. Seria, em nosso caso, um enfrentamento do "inimigo" atacando-o e, idealmente, destruindo-o. São atitudes que podemos encontrar

concretamente em mundos sujeitos a éticas diferentes da nossa: em culturas chamadas primitivas, onde, como em algumas tribos, o deficiente é sacrificado; ou mesmo em civilizações chamadas adiantadas, como Esparta. Comportamentos que podemos também encontrar no mundo animal, onde filhotes imperfeitos são, na maioria das vezes, mortos.

Também atitudes encontradas em nosso próprio universo cultural, quando forças mais poderosas que a moral vigente vencem: extermínio de bruxas, judeus, negros... por razões religiosas, econômicas, históricas... Ataca-se o diferente, o inconveniente, e com isso liquida-se a ameaça por eles representada.

Como nossa moral judaico-cristã e nossas escalas de valores pautam-se por parâmetros diferentes (mormente em tempo de paz) o segundo caminho é o mais usual. Foge-se à questão."

Muitas são as formas de "fugir". Foge-se ao lançar mão da ambiguidade, da esquivava, da rejeição. Rejeita-se abandonando, super-protegendo ou negando. Nega-se simulando, compensando ou atenuando. Alguns desses mecanismos têm sido, já de algum tempo, objeto de reflexão de muitos autores - como por exemplo Suely Satow em seu ensaio pioneiro sobre o personagem Dumbo - e dentre os quais me incluo nos últimos anos, Satow⁶.

Para conhecer melhor os citados mecanismos tenho lançado mão da produção cultural do ser humano, buscando as formas de representação do corpo diferente no Direito, na Filosofia, na Religião, na Mitologia e na Arte.

Baseada no fluxo de pesquisa até agora encetado, articulei um esboço que tenta incluir os fenômenos e mecanismos psicossociais presentes na construção dessas Representações: Tenho encontrado a presença desse desenho em muitas das produções até aqui pesquisadas, sejam elas inseridas neste ou naquele universo daqueles mencionados anteriormente: Direito, Filosofia, Mitologia, Religião ou Arte. (*vide Figura2*)

Atualmente dedico-me ao estudo mais aprofundado de obras da Literatura infanto-juvenil, mas na busca de uma ilustração pois nada como uma ilustração para o enriquecimento da compreensão - optei aqui por comportilhar um trecho do caminho por mim percorrido anteriormente. Passo portanto a lustrar algumas das idéias precedentes, lançando mão de um mito grego: um deus coxo.

Comecei a interessar-me por esse mito há muito tempo e quando da solicitação da Revista Integração, para que escrevesse um artigo sobre Deficiência e Arte, retomei algumas das reflexões antecedentes Amaral³.

Usando Hefestos como "alavanca" tentei movimentar esse eixo aqui em pauta e que me parecia (e continua parecendo) de extrema importância: o papel das Representações culturais na gênese e perpetuação dos já enunciados preconceitos, estereótipos e estigma.



468. HÉPHAÏSTOS
AU TRAVAIL.

Figura 3

Hefestos trabalhando, fragmento de pedra.

Hefestos (Vulcano para os romanos) é o único deus da Mitologia caracterizado como portador de deficiência física. Quem é ele? É o senhor do fogo e da forja, habilidoso artesão dos metais, criador de obras primas como a couraça de Hércules, as flechas de Apolo, o escudo de Aquiles, o cetro de Agamenon, o gigante de bronze (Talo) defensor de Minos, o rei de Creta... Constattei que, a começar pela origem da deformidade, a ambiguidade marca o mito, pois sobre a mesma existem várias versões. Sintetizarei a seguir algumas delas.

A primeira nos conta que Hera (Juno) ressentida pelas constantes ausências e infidelidades de Zeus (Júpiter) decide-se, como vingança, a conceber um filho sem a participação do marido, de forma a denunciar o abandono a que estava sujeita. Mas o fruto de sua decisão nasce feio, disforme e coxo. Envergonhada, e por suas próprias mãos, lança, do alto do Olimpo, o menino ao mar.

Numa outra versão, o nascimento desse Hefestos imperfeito teria ocorrido antes do casamento formal de Hera e Zeus. Assim, a concepção por partenogênese serviria para o ocultamento da origem ilegítima.

Numa terceira versão nos fala de um Zeus que, irado com as atitudes coléricas de Hera, amarra-a a uma árvore. Hefestos menino tenta libertar a mãe e, ao fazê-lo, chama para si a ira do pai que, agarrando-a por uma das pernas, lança-o à terra. Ao chocar-se contra a superfície rochosa da ilha de Lemnos, Hefesto fica aleijado para sempre.

O interessante notar é que a idéia de culpa e punição permeia, de uma ou de outra forma, a gênese de deficiência.

Vejamos agora algumas correlações entre deficiência e traços de caráter.

Hefesto equilibra-se constantemente na "gangorra do bem e do mal" pois se, por um lado, é visto como idealizador e construtor de adornos e instrumentos de beleza ou utilidade inegáveis, por outro, é o artífice de equipamentos que estão a serviço de sua vingança pessoal ou locupletação com a miséria alheia.

Por exemplo: Hefestos vinga-se da rejeição da mãe ao oferecer-lhe um pomposo trono de ouro que, todavia, era dotado do poder de aprisionar quem nele se sentasse. Após ter a mãe presa na armadilha, Hefestos negocia com Zeus a sua libertação pedindo em troca Afrodite (Vênus) como esposa.

Num outro episódio, para punir a infidelidade dessa mesma Afrodite, projeta e concretiza uma rede de ouro, de fios finíssimos, invisíveis e inquebráveis, que utiliza para enredar os amates adormecidos, colocando-os depois à mercê dos olhares de todos os deuses do Olimpo. Além disso, cabe salientar que a Hefestos cabia o papel de artesão, obreiro, trabalhador braçal, numa civilização voltada idealmente ou para a glorificação do corpo guerreiro ou para especulações do espírito.

Um outro aspecto interessante a ressaltar, lembrando sempre que a unidade de análise aqui considerada é a existência de preconceitos e estereótipos, é a descendência de Hefestos. Os historiadores assinalam vários descendentes do deus e entre eles, nascido da união com Anticléia, Perifetes, -malfeitor, marginal, assaltante, homicida (finalmente destruído pelo herói Teseu).

São também filhos de Hefestos, com a ninfa Etna, os Palicos em cujos nomes se faziam solenes juramentos que, se quebrados, desencadeavam terríveis castigos.

A descendência de Hefestos inscreve-se na mesma ordem antes nomeada: ambivalência entre heroicidade e vilanice, entre poder benéfico e castigo!

Vou agora pegar um outro atalho: o da representação plástica de Hefestos. E aqui, um fenômeno extremamente interessante: embora as abordagens liberárias do mito afirmem sua deficiência, falem sobre ela, o deus raramente é representado de forma a concretizar-se no visual essa deformidade presente no discurso literário.

Constatai nessa representação plástica três conjuntos de configurações.

No primeiro uma clara ambiguidade: são obras que deixam ao observador "atento" a possibilidade de estar visualizando a deficiência, e ao "desatento" a de ignorá-la.



Figura 4
Hefestos em carro alado. Cálice

No segundo conjunto o que encontrei, com certa regularidade, foi a estratégia de simulação: as pernas de Hefestos ou não estão em destaque, ou estão “camufladas”. Neste último caso dois artifícios são constantes: ou as pernas estão fora da visão do observador pela própria posição escolhida pelo artista: atrás da forja, da bigorna etc., ou estão cobertas por panos, por objetos, por outras pessoas...

O terceiro conjunto refere-se às obras onde a deficiência de Hefestos deixa de existir, passando o deus a ser retratado como um ser “perfeito” - tenho chamado essa estratégia de negação plena. Nessas obras



Figura 6
Vulcano escultura de Vincenzo de Rossi



Figura 5
A oficina de Vulcano. Velásquez

Um outro aspecto que me parece digno de nota é o isolamento de Hefestos. Com efeito, diferentemente das outras divindades, que vivem no Olimpo, Hefestos vive na terra, afastado de seus "pares". E, mais que isso, segundo Homero, vive à boca de um vulcão na ilha de Lemnos, isolado em sua oficina, cercado de auxiliares humanos e de "duas servas de ouro - como se fossem mulheres vivas".

Vemos portanto, através de estudo (ilustrativo) de Hefestos, que a presença dos preconceitos e estereótipos nos produtos culturais pode ser pesquisada e sistematizada. Contribui-se, assim, para o avanço do

conhecimento necessário para a supressão de algumas das barreiras de caráter psicossocial que dificultam ou impedem a real integração das pessoas portadoras de deficiência, na medida em que dificultam ou impedem um relacionamento interpessoal não mediado por construções defensivas.

AGRADECIMENTO

A Paulo Gil Proença Soares pela inestimável colaboração ao fotografar, muitas vezes "in locu" por tratar-se de obras de referência, as ilustrações necessárias para o presente trabalho.

AMARAL, L.A. Social integration and its barriers: cultural representations of the crippled body. **Rev. Ter. Ocup. USP, 2 (4):188-95, 1991.**

SUMMARY

The article sets out from a discussion on psychosocial barriers that are placed between the disabled person and society (attitudes, prejudice, stereotypes and stigma). It proposes to reflect about them in a systematic way as phenomena of a cultural and psychological nature. They can be considered psychological as the unleashing factor of the process has an emotional character; and also cultural, as Culture's works tend to perpetuate these phenomena through the crystallized representation present in the collective imagery. The proposed direction is elucidated through aspects of Hephæstos's myth, a lame god of Greek mythology.

KEYWORDS

Handicap, psychology. Rehabilitation. Prejudice. Mythology. Socialization.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARAL, L.A. *Do Olimpo ao mundo dos mortais*. São Paulo, Ed. Médica, Técnica e Científica, 1988.
2. AMARAL, L.A. A deficiência física e integração social. *Rev. Integração*, 2:36-9, 1989.
3. AMARAL, L.A. A deficiência e arte. *Rev. Integração*, 2:34-7, 1989.
4. ARIES, P. Les attitudes devant les "handicapés". In: MANDROU, R.M. *Histoire sociale: collectives et mentalités*. Paris, PUF, 1985.
5. DORAI, M. Qu'est ce qu'un stéréotype? Contribution a la definition d'un concept. *Enfance*, 41:45-54, 1988.
6. SATOW, S.H. Dumbo: estigma e marginalização. *Rev. Psicol. Social*, 7:41-9, 1985.